

A AUDITORIA

A sala gelada da auditoria, àquela hora da manhã, tinha o zumbido manso dos computadores e das certezas. A frase caiu como chinelo de borracha atrás de barata: sem violência, mas com eficácia. Alguém riu, alguém pigarreou, alguém abriu uma planilha como quem ergue uma lupa. E, de repente, aquele mundo de números polidos — tão asseados quanto vitrines de joalheria — começou a revelar, sob a luz certa, as asas translúcidas dos pequenos erros, as patinhas de inconsistências, o voo torto dos lançamentos fora de lugar.

No Brasil, “comer mosca” é pecado venial e também retrato do cotidiano: a distração elevada à categoria de desculpa nacional. O gerente sabia disso. Ao falar em “insetos”, acenou com uma fábula: há vida nos registros. Vida teimosa, que roeu com paciência o rodapé de uma despesa recorrente; vida que pousou, distraída, na janela de um contrato; vida industriosa, abelha em busca de um mel que não é seu, enxameando por rubricas onde não deveria haver flor. A equipe, treinada a admirar o mármore liso das contas fechadas, precisou reaprender o prazer da poeira: é na poeira que a pegada aparece.

Os livros de contabilidade, vistos de longe, lembram álbuns de família: pose impecável, sorriso de colarinho engomado. Mas quem se detém nos cantos — as notas de rodapé, as pequenas retificações, os carimbos deslocados — encontra um ramo inteiro de parentesco não declarado. O genealogista dos números sabe: os erros se casam entre si e geram descendência. Um arredondamento displicente adota uma divergência de data; uma glosa descuidada apadrinha um adiantamento que não volta; e, quando vemos, a árvore está frondosa. A justiça, quando chega, não procura monstros; procura formigueiros.

Talvez por isso me veio à cabeça Gregor Samsa, que acordou certo dia metamorfoseado em inseto — e então a família, a casa e o trabalho mostraram seus contornos verdadeiros. Há muito de kafkiano no ofício de perscrutar registros: quanto mais se folheiam papéis e PDFs, mais nítido se torna o labirinto. E, ainda assim, é pela exatidão do detalhe que se abre a saída. Não se trata de caçar bruxas, mas de aceitar que a realidade se trai nos mínimos gestos: um centavo a mais, uma assinatura repetida, um código contábil que resolveu nascer com vocação de cupim.

Joaquim Maria Machado de Assis, entomólogo de almas, ensinou a observar com ironia e carinho — duas pinças que não esmagam o objeto. É uma lição útil às planilhas: sem ironia não se percebe o absurdo; sem carinho não se entende a lógica secreta que o produz. Porque o absurdo, no fundo, tem método. O gerente,

com seu aviso doméstico, não pedia heroísmo; pedia atenção amorosa. A atenção é a ética do detalhe: quem ama o detalhe não “come mosca”.

Do lado de fora, a cidade movia seus próprios enxames — buzinas, agendas, reuniões que nascem e morrem como efêmeras. Aqui dentro, o zumbido era outro. Cada “inseto” encontrado não era motivo de alarme, mas de pacificação: melhor saber do que supor. Melhor convocar a luz do que manter o conforto das sombras. Às vezes, a moral se revela numa operação simples: substituir o brilho do geral pela fosforescência humilde do particular, como quem apaga o lustre e acende um vagalume na mão.

No fim do expediente, ninguém havia esmagado nada. Tínhamos, antes, aprendido a reconhecer trilhas. Um lançamento conduziu a uma rotina; a rotina, a um procedimento; o procedimento, àquela fronteira tênue onde a distração se oferece ao oportunismo — e o país, cansado, paga a conta. Não havia vilões de capa, só o velho conluio entre pressa e descuido, aliados clássicos de qualquer desvio.

Saí pensando que talvez toda crônica seja uma auditoria do cotidiano: a gente abre o livro da vida, passa a escovinha macia e procura, com humor e paciência, o que se mexe nos cantos. Não para matar — os cronistas são menos exterminadores do que jardineiros —, mas para devolver proporção às coisas. O gerente falou em moscas e insetos; eu ouvi um convite à cidadania: prestar atenção, essa forma silenciosa de cuidado público.

E, se amanhã a frase se repetir na sala gelada — “procurem mais insetos nos registros do banco” —, que não haja pânico. A vigilância não é paranoia; é jardim. Onde há jardim, há vida; onde há vida, há movimento; e onde há movimento, haverá sempre pequenas criaturas, ensinando, com suas antenas impacientes, que o mundo se entende melhor quando nos inclinamos para vê-lo de perto.